

Dois Poemas

Fabiano Calixto

Poeta e mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Autor de *Música possível* e *Sangüinea*.

Ela, uma angústia hopperiana, encostada no balcão, tomava *dry martini* e soltava imensas baforadas de fumaça. Fitava sua própria sombra – que era ela mesma, em versão instrumental, tomando *dry martini* e soltando imensas baforadas de fumaça. Meu pigarro cínico deu início à conversa. Eu sabia que ela era mais uma bela garota que queria chegar num sebo e comprar um livro do Larry Brown, lê-lo em êxtase, guardando sob o grafite o que a memória provavelmente vacilaria, e na noite seguinte encontrar alguma amiga para dizer que a mãe havia telefonado, aos prantos, dizendo que o pai continuava com uma sede insana e que o irmão metera-se com traficantes, mas mesmo assim sempre haveria um espaço na vida, mesmo que mínimo (aquele que há entre a morte clínica e o paciente estendido sobre a mesa de cirurgia), para a vida. Da mesma maneira que ela sabia que eu era o sujeito mais solitário da cidade, e que meu cigarro estava acabando e que eu diria que em algum lugar entre o século XIX e a Etiópia, Rimbaud teria dado um tiro em um de seus criados por este tentar lhe roubar, enquanto dormia, duas ou três moedas de ouro. Nós, definitivamente, não acreditávamos em verdades. E isso acabou em tesão. Então, o *dancing* quase vazio, ela pegou em meu braço, sacou o batom e escreveu a palavra *sintaxe*. Do nada. E do nada, lembrei de uma canção interpretada por Johnny Cash e fiquei curioso em saber se houvera ele passado por algo parecido quando pensou em cantar "Hurt". *Johnny Cash não se lembrava dos sonhos das noites anteriores* – ela disse. Fiquei quieto e pedi a ela outro cigarro. *O que me enoja no amor é que ele é uma coisa fácil demais. É como comprar um Chicabon na padaria. É como chegar atrasada ao*

trabalho e esfarrapar um verbo qualquer. Deveria haver uma lata para o amor entre a coleta seletiva de lixo. Mas não, não, as pessoas o guardam consigo e o levam para o jantar, com a esposa e com o amante, entre uma e outra senha. Levam-no para as reuniões sobre superfaturamento e para o jogo de futebol com o filho, no Playstation. No amor cabe tudo, o catarro, a lágrima, o esperma, o sangue, o carinho, a mentira, a verdade, a sujeira. É amplo demais. Democrático demais, carente demais. Fácil. Só o amor parece não caber no amor. Estranho, né? Fiquei quieto novamente. Estava bêbado demais e o amor – o que eu tinha para falar sobre o amor – com certeza havia deixado em alguma velha canção que fala de perdedores e bêbados incorrigíveis. Eu era apenas um cachorro molhado esperando a cidade se esvaziar para que eu pudesse vasculhar os sacos de lixo e, quem sabe, encontrar um amor qualquer e matar minha fome. E ela era aquela doce desordem dos sentidos. Porém, a *doce desordem dos sentidos* jamais havia ouvido nenhum dos seus discos. Tive que cantar uma a uma as suas canções – sem lembrar sequer de uma. Antes de adormecer, ela disse: *a culpa e os cadáveres escondidos são a essência das cidades*. Aqueles braços eram como um imenso beijo e neles me guardei durante toda a noite. Foi então que um caixão apareceu no meio da sala. Eu, confortavelmente anestesiado, beijei-lhe o rosto, e, antes do pássaro com odor de óleo diesel abrir seu voo, depus o amor, quieto e esquecido, atrás do seu sono – perigosamente próximo ao açúcar dos sonhos.

Biografia de J. R. Andrade

Sempre a mesma trajetória, como as promessas que as pessoas oferecem aos tantos santos, em busca de uma ilusão forte que dê um rosto definido à vida. A noite estava lá, como sempre, esperando o trem e devendo deuses a todo mundo. A camiseta preta, o tênis cano-alto, escuro e encardido pelo pouco de morte que vai crescendo ali nos tornozelos. Sempre alguns discos de velhas bandas de rock em sacolas plásticas. Como sempre faz, pega um deles e admira incansavelmente, enquanto as meninas de seus olhos parecem compor mínimos silêncios de ninar a uma alegria escondida, que não se consente sentir, por remorso ou sabe-se lá que tamanho cansaço. A solidão desse homem dobra violentamente como se dois mil sinos desesperados tentassem acordar algum deus de seu cochilo eterno. Ao vê-lo descer do velho, estúpido e provinciano ônibus azul, nenhuma embalagem de chiclete se move. Nada muda de lugar. Nem o vento, nem

o número da casa, nem os olhos da garotinha que cochila no sofá. Ele caminha curvo e as sombras, que lhe vestem como um sobretudo, parecem construir pequenas pontes sobre um rio cujas águas esquecidas o levam para uma janela de onde ele pode sentir a brisa do tempo em que queria mudar o mundo apenas mudando de assunto. *O mundo não precisa de nossa ajuda para mudar* – pensou, naquela tarde chuvosa, enquanto tentava tirar de ouvido "Going to California". Não era Naishapur e havia um esplendor de final de primavera que se esvaía, pétala a pétala. A ampulheta sobre o criado-mudo guardava os restos mortais de sua avó que ainda lhe contava histórias do tempo – *somos pobres carneiros a brincar sobre a relva, enquanto o açougueiro está a escolher um ou outro com os olhos, pois em nossos bons tempos não sabemos que infelicidade justamente agora o destino nos prepara; doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, cegueira, loucura, morte etc.* Sempre quis criar uma fotonovela para entreter moscas. Acabou formando-se em jornalismo. Tentara o suicídio há dez anos. Repetira a dose há poucos meses. Sua velha guitarra silenciava sobre o guarda-roupa, num velho *case* feito de adesivos tolos e missões não cumpridas. Ouvia constantemente vozes e essas sempre entoavam "Questioningly". Quando criança queria ter um aquário redondo com um escafandrista vermelho cuidando de um tesouro perdido e um peixe chamado *Campeão*. Mas o pai sempre ameaçou pôr amoníaco na água e lhe surrar, caso se repetisse a "imbecil idéia". Viu, certa vez, no jornal da província, uma reprodução do rosto de Goya, e notou que este era a cara de um tio bebum que morrera atropelado numa madrugada chuvosa na Avenida Perimetral. Sentia sempre um gosto de sal na boca e os dentes sempre sangravam. Jamais faltara à escola por pouca ocasião. Quando tinha que enfrentar sua hipopotomonstrosesquipedaliofobia, imaginava, como alívio, idêntico inferno a ratos e reis, como se essa sua tortura, roendo aqui ou acolá, fosse também a desgraça de Satanás e de seus mirmídones. Aos dezenove anos trepou com a boliviana do apartamento ao lado (mãe de um conhecido seu). Nunca mais usou camisinha. Certa noite, após assistir a um velho faroeste, quebrou a vidraça do apartamento vizinho com um copo abarrotado de merda. Casou e viveu com R. por sete meses. Ela abortou o futuro descendente cujo cadáver risca silhueta longínqua a um nome de menina que, agora, dezessete anos depois, teria nome de flor ou de santa. No pouco tempo de redação só corrigira textos de economia. Nunca comprou uma máquina fotográfica. Se sentia sono durante o expediente ia ao banheiro e cochilava sentado na privada. Aos domingos pedia ao padre para embrulhar a hóstia e bebia o vinho que ele próprio levava – sentava na primeira fila, olhos sempre fixos no genuflexório. Foi à praia duas vezes e uma vez ao Rio de Janeiro.

Tentou envenenar o pai numa noite de natal. Não gostava de futebol, nem de bares lotados. Quando decidiu morar numa fotografia, trajava uma camisa de botão, amarela, com um *botton* de Leonard Cohen no lado esquerdo. A noite estava clara e crente, como nunca antes. Todo mundo estava feliz aqui na Terra. Um novo fantástico livro era lançado do outro lado da cidade, uma almofada vermelha em forma de coração era comprada numa loja de departamentos, uma bagana era perdida. Percebe-se ao fundo um velotrol, uma amoreira sangrando seu açúcar e um vira-lata balançando desesperadamente sua cauda. É com a imensa solidão desse homem que todos nós, cultivando a bizarra flor que nos perfuma a vida, apagamos nossos círios.

Marcelo Girard

Objeto

Óleo s/tela

80x60cm

2005

